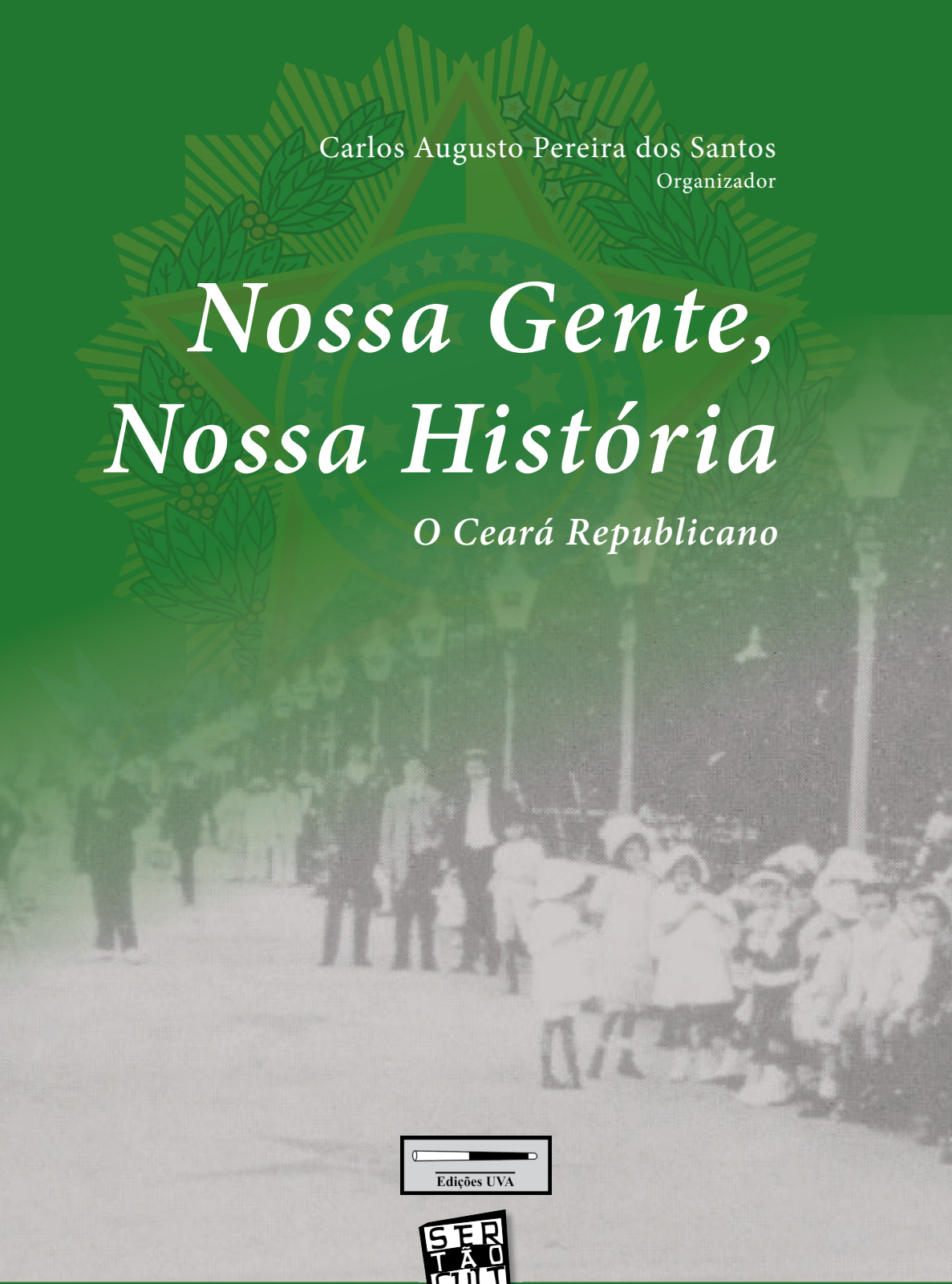
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano



Edições UVA

SERTÃO CULT

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano

Sobral-CE
2019

Edições UVA

SERTÃO CULT

Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano
© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)
Impresso no Brasil/Printed in Brasil.
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional.

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

Conselho Editorial
Adriana Brandão Nascimento Machado
Carlos Augusto P. dos Santos
Isorlanda Caracristi
Nilson Almino de Freitas
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Revisão
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da capa
Passeio público, Fortaleza, 1919

Catalogação na publicação
Leolgh Lima da Silva – CRB3/967

Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE
CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Reitor
Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora
Izabelle Mont`Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA
Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial
Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Renata Albuquerque Lima
Simone Ferreira Diniz
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virginia Célia Cavalcanti de Holanda

N785 Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertãocult; Edições UVA, 2019.
294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8
ISBN: 978-85-9539-035-5
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. "O rio é uma riqueza imensa": Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9
Maria Malena Paiva Mesquita

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota–CE (1980- 1990) / 19
Francisca Clédia Sousa de Oliveira

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951–1958) / 33
Letícia Rodrigues Gonçalves

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45
Caubi Alves Braga
Naiane Nobre Martins

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55
Pedro de Souza Filomeno Filho

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65
Raimundo Nonato Fernandes

Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. "Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria". Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85
Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara

8. "Depois foi que veio essa modernização": as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95
Adelina Lopes Guimarães

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreaú-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103
Sebastião Ferreira Carneiro

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119
Paulo Ênio de Sousa Melo

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133
João Henrique Brito Lima

12. A Educação na República / 145
Natanael Lopes Alves

Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157
Vinícius Pereira de Sousa

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175
Alan Silva de Morais

15. "Zé Maria mulher": representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185
Antonio Tarciano Aragão Sousa

16. "Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus". Memórias de benzedeiras em Alcântaras–CE / 197
Maria Deiziane Lino

17. "Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino". Memórias sobre o reisado groairense / 205
Raimundo Sousa Alves

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221
Cleane dos Santos de Medeiros
Nilson Almino de Freitas

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233
Francisco Sávio Barbosa do Nascimento

Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247
Odail José Martins Freire

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255
Valério Samaronni Morais de Queiroz

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261
Maely Alves de Mesquita

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273
Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará República, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira.* Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos espacialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore[1], o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

---

[1] *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Franscisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Morais, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire. Valério Samaronni Morais de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)

Camocim, outubro de 2018.

Doi: 10.35260/67960258-p.247-253-2019

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina

Odail José Martins Freire[1]

Introdução

A presente discussão tenciona tratar da presença e influência do movimento politico nacionalista conhecido como integralismo na cidade de Ibiapina-CE, a partir do contexto de sua atuação dentro das cidades interioranas do estado. Para isso, pretende-se abordar acerca de como se deu a concepção desse movimento dentro do estado e como ele se insere na dinâmica da política local dentro dessas cidades e, por fim, busca retratar como o integralismo esteve presente em Ibiapina e que impactos teve na cidade, a partir de memorialistas, filhos ilustres da cidade.

Ibiapina foi elevada à categoria de município no ano de 1938, estava se firmando ainda, e a respeito dessa década de 30, o memorialista José Eliomar Damaceno[2] nos fornece um panorama:

> [...] Em 1938, Ibiapina já tinha algumas dezenas de ruas, duas praças (lá chamadas avenidas) – a da Matriz e a Miguel Soares – três igrejas: Matriz, São Francisco e N. Sra. do Bom Parto; uma cadeia pública, edificada em 1879, [...] um matadouro ou curral do açougue, um cacimbão público, um mercado público e um cemitério [...] Uma central gráfica muito importante, pois falava por telefone com Fortaleza, Sobral, Teresina e as cidades da Serra; havia também comunicação por Morse. As ruas de Ibiapina foram calçadas com pedras, que até hoje por lá existem[3].

No final da década de 30 eram raras as casas que se destacavam por seu aspecto moderno e estético, e também eram raras as passagens de automóveis ou caminhões pela cidade. Porém, o progresso estava avançando cada vez

---

1 Graduando do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

2 Foi comerciário, comerciante e professor, nasceu na cidade de Massapê e aos dois anos de idade, juntamente com seus pais, muda-se para Ibiapina, onde o autor viveu sua infância.

3 DAMACENO, Jose Eliomar. *A Ibiapina do meu tempo*: Reminiscências de um município do Ceará. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2001.

mais pelo país e chegando também às cidades interioranas, como o próprio autor diz: "Não sabíamos, nem notávamos, mas o progresso silenciosamente, vagarosamente se dirigia para aquela região e hoje por lá se estabelece".

A produção historiográfica do século XX não era feita apenas pelos historiadores, mas também pelos memorialistas, estes que possuem papel de destaque na escrita, preservação e construção da memória, inclusive a Ibiapinense e sobre a qual se baseia a construção das memórias do período integralista na cidade.

O Integralismo era também conhecido como Ação Integralista Brasileira (AIB), foi um movimento político de extrema-direita, fundado pelo jornalista Plínio Salgado no ano de 1932 e foi chefiada nacionalmente por ele, desde a sua fundação naquele ano, até a data de sua extinção pelo Estado Novo, em 1937. Salgado era um jornalista, escritor e político que possuía ideais ultraconservadores alinhados à extrema-direita e que atuou no Brasil durante a década de 1930. O marco da criação desse movimento foi quando Salgado lançou o Manifesto de Outubro[4].

A fundação da AIB foi precedida pela organização da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) que, juntamente com o jornal *A Razão*, propiciou a criação da AIB. A finalidade da SEP era:

> [...] preencher o vácuo ideológico deixado pela Revolução de 1930, diante das indefinições, segundo Salgado. Dentre seus objetivos principais estão a colaboração para a construção da unidade nacional; o reforço da autoridade; a coordenação de todas as classes produtivas para o fortalecimento da nação; apoio ao pensamento político que seja baseado nas realidades nacionais"[5].

O integralismo conferia grande importância aos símbolos e às imagens, como em relação à escolha do nome, que de acordo com o historiador Roney Cytrynowicz:

> As palavras que formam o nome do partido fornecem algumas pistas. "Ação" sugere mobilização, força e violência; agir e não pensar em nome da ideologia que salvaria a humanidade e implantaria um Estado forte e sem sociedade civil. "Integralista" vem de integral e remete à ideia de totalidade, que vai contra a democracia dos partidos, o sistema de representação, a diver-

[4] O Manifesto de Outubro é a Carta Magna do Integralismo, em cujos princípios se baseia e se assenta toda sua estrutura política e social.

[5] ALVES, Cristiano Cruz. O Integralismo e sua influência no anticomunismo baiano. Disponível em: *Antíteses,* vol. 1, n. 2, jul.-dez. de 2008, p. 407-438 http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses.

> sidade e os conflitos inerentes à vida social e política. "Brasileira" se refere à defesa exacerbada do nacionalismo em oposição aos partidos estaduais, regionais e internacionalistas – como o Partido Comunista"[6].

Os integralistas possuíam vestimenta própria de características militares, na cor verde-oliva, uma saudação típica: "anauê"[7] e uma bandeira com o símbolo grego sigma (Σ) representando a ideia de somatório, de um todo. Os "Camisas Verdes", como também eram conhecidos, eram opositores do liberalismo, anarquismo e comunismo. Contra estes últimos, vários conflitos de rua foram registrados na década de 1930. O movimento integralista tinha por lema "Deus, Pátria e Família"; a partir disso pode-se entender as propostas desse movimento, que também ficou conhecido como o fascismo brasileiro. A palavra "Deus" indicava a influência religiosa cristã dos integralistas, tendo a figura divina em primeiro lugar, pois para eles era Deus "quem dirigia o destino dos povos". A pátria, para os integralistas, podia ser definida como "nosso lar". Assim, propunham-se a alcançar a unidade da população brasileira dentro do território através da constituição de um Estado integral, em contraposição à divisão da sociedade em classes. Já família, dentro da proposta integralista, é a menor unidade e seria o "início e fim de tudo".

Em suma, pode-se definir esse movimento como "nacionalista, autoritário, tradicionalista e fundado em preceitos religiosos, cabendo ao Estado manter a unificação integral da sociedade através da coerção" [8].

A AIB no estado do Ceará e sua expansão para os municípios interioranos

O início do movimento da AIB no Ceará coincide com a data de sua fundação em âmbito nacional, 1932, porém, a expansão da Ação Integralista Brasileira para o interior do estado, com a criação dos Núcleos Municipais, ocorreu intensamente a partir de 1934. Josênio Parente afirma que a fundação da AIB no Ceará ocorreu no dia 15 de novembro de 1932, com a instalação do núcleo provincial em Fortaleza[9]. Antes do início das atividades da AIB no estado cearense, João Rameres Regis nos diz que, antes mesmo de vir à cena o movimento integralista, foi fundada a Legião Cearense do Trabalho (LCT) no Ceará, no dia 23 de agosto de 1931.

---

6 CYTRYNOWICZ, Roney. A força e a pátria em ação. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, edição nº 6, p. 21-25, 2010.

7 Vocábulo tupi, era uma expressão utilizada como forma de dar as boas-vindas e significa "você é meu parente".

8 PINTO, Tales Dos Santos. "O que é Integralismo?"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-integralismo.htm>. Acesso em: 09 out. 2018.

9 PARENTE, Josênio Camelo. *Anauê* – Os Camisas Verdes no Poder. Fortaleza: EUFC, 1999, p. 181.

> A LCT, entidade fundada pelo Tenente Severino Sombra com a colaboração de outro tenente, Jeová Mota, coadjuvados pelo recém-formado padre Hélder Câmara, serviu de base para a criação da AIB no Ceará. Agremiações como a LCT garantiam a intervenção da Igreja Católica na vida social e política do Brasil, a partir das orientações do Centro Dom Vital, inspirada na encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII[10].

Em relação ao processo de expansão da AIB para os municípios do interior do estado, o movimento integralista alterou a dinâmica política local ao mesmo tempo em que se ajustava ao jogo político das elites locais. Essa experiência integralista, de acordo com João Rameres Regis, marcou o imaginário político da população interiorana ao se integrar e ao interagir com a cultura política prevalecente nesses municípios, que na década de 1930 eram a extensão da vida rural, com uma vida urbana muito incipiente. O autor ainda afirma que:

> Os dois elementos que serviram ao sucesso integralista nos distantes municípios do Ceará foram: as críticas contundentes ao regime liberal e à dinâmica política derivada desse modelo que colocava nas mãos dos coronéis locais, um poder quase absoluto em seus potentados; e o discurso anticomunista difundido pela Igreja Católica, pelos grupos políticos conservadores e pelas agências do Estado[11].

Foram esses elementos, aliados à comoção que a Revolução de 30 causou, que levaram grande parte da população do Ceará a aderir ao movimento integralista, comoção essa devido à grande aversão ao regime coronelístico, que era tão intrínseco na dinâmica política das cidades interioranas do estado.

Foi exatamente nesse contexto de crise do coronelismo clássico que os núcleos integralistas foram criados no interior do estado. Devido ao grande número de Núcleos Municipais e Distritais que foram fundados a partir do ano de 1932, o movimento da AIB encontrou grande repercussão entre as populações do interior do estado do Ceará. Ao todo constata-se que foram constituídos 54 Núcleos Municipais dentre 66 municípios existentes e 07 Núcleos Distritais.

Márcia Regina S. Ramos Carneiro atribui isso a três fatores principais:

> [...] a crise do modelo clientelístico e paternalista ocorrida com a Revolução de 1930, que despertou na sociedade a condição

[10] REGIS, João Rameres. Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937), Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2008, p. 115-116.
[11] REGIS, João Rameres, *Op. cit.*, p. 108.

> do exercício político, a possibilidade de intervir nos assuntos da nação; a marcante presença da Igreja Católica que através da Ação Católica – AC – e da Liga Eleitoral Católica – LEC – interveio muito incisivamente no debate político do período, atraindo para si os elementos nacionalistas de direita e aqueles que haviam sido desprestigiados com a Revolução de 1930; e a proposta de moralização do país através da moralização das instituições públicas, defendida pelo movimento da AIB que traduzia, de certa forma, os anseios de parte da população brasileira e também através da promessa de solução dos problemas crônicos, de forma imediata[12].

É possível constatar a influência que o Integralismo teve no interior, pois ele se inseriu praticamente em todas as regiões do estado: da capital ao Cariri – extremos norte e sul do estado; do Vale do Jaguaribe – extremo leste, à Serra da Ibiapaba – extremo oeste, e toda a região do chamado Sertão Central. Em Ibiapina, quem esteve à frente representando o movimento como chefe municipal na cidade foi o prefeito da época, José Monte Aragão.

Memória integralista em Ibiapina-CE

Rameres diz que a ausência de documentação produzida nos municípios dificulta perceber a mecânica do movimento quanto à sua organização interna, porém, pode-se inferir que havia um nível de concentração das responsabilidades na chefia local, mantendo, numa escala menor, a conhecida infalibilidade reservada ao Chefe Nacional.[13] Há uma lacuna na documentação trabalhada que atesta a relação orgânica dos núcleos municipais mais distantes, espalhados pelo vasto território nacional e, em especial, dos núcleos interioranos do Ceará. E Ibiapina insere-se dentro desse contexto, que seguiu a politica empregada nas outras cidades interioranas, onde é possível que o chefe, muitos deles oriundos dos grupos políticos que já detinham certo poder no município, arcasse com essa estrutura, pois de certa forma não deixava de ser um investimento político de retorno seguro.

As documentações desse período são escassas, assim como as referentes a outros momentos vividos na cidade. Damaceno, em seu livro *A Ibiapina do Meu Tempo*, onde busca retratar as memórias vividas por ele em Ibiapina, nos fornece um parâmetro acerca de como se deu Integralismo dentro do cotidiano da Cidade:

> [...] em Ibiapina também existiu uma célula desse partido político, onde as reuniões eram constantes. A mocidade da época

[12] CARNEIRO, Márcia Regina S. Ramos. Memória e Integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, RJ: 2002 e CARNEIRO, Márcia Regina S. Ramos. Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas. Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, RJ: 2007.

[13] REGIS, João Rameres, *Op. cit.*

> vestia-se com aquele uniforme ao comparecer as reuniões. Eu tinha uma vontade louca de também vestir aquela roupa, sem me importar é claro com a finalidade do partido das "galinhas verdes", como lhes chamavam os adversários [...] Recordo a visita feita a Ibiapina por um historiador e escritor de renome (Gustavo Barroso)[14] (um dos líderes). Armaram um palanque nas proximidades da Matriz, de onde inflados oradores preconizavam as virtudes do Integralismo, ao mesmo tempo em que era exaltada a figura do Ilustre visitante. Este respondeu com um longo e inflamado improviso, com foguetes espocando no ar[15].

Ao se observar o contexto do relato anterior, pode-se perceber que o movimento causou um certo furor na cidade, em particular entre os jovens, que mesmo alheios aos objetivos do movimento, ainda assim queriam fazer parte daquele acontecimento na cidade. Entre aqueles à frente do movimento, a presença de um dos líderes e fundadores do AIB na cidade, foi um caso de extrema importância, onde buscavam frente à figura de um dos líderes, exaltar o movimento e as ações dentro da cidade.

O movimento integralista em Ibiapina foi bastante expressivo, porém não teve uma repercussão duradoura. Francivaldo Romão, professor e memorialista, filho ilustre de Ibiapina, diz que o período Integralista teve sua expressão na cidade, mas não durou muito, o fervor deu-se somente no período em que o chefe local, José do Monte Aragão, estava à frente do movimento na cidade. Ele afirma: "[...] o integralismo na época teve expressão, mas durou pouco. O próprio coronel Pedro Ferreira não falou do integralismo na nossa história, (Ibiapina) poucas pessoas falam sobre isso" [16].

Ele ainda afirma que mesmo apesar da significância que este movimento (o integralismo) teve no nosso estado, em Ibiapina o seu furor não foi muito longe. Apesar disso, o movimento surgiu, firmou-se e deixou reminiscências na nossa cidade.

Considerações finais

O período do integralismo em Ibiapina- CE foi um movimento expressivo, mas de pouca duração. As ações desenvolvidas por José Monte Aragão

---

[14] Advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista, nasceu em Fortaleza, CE, em 29 de dezembro de 1888, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 3 de dezembro de 1959. Juntamente com Plinio Salgado e Miguel Reale, liderou o movimento Integralista no País. Gustavo Barroso se destacou por encabeçar uma corrente antissemita radical, por vezes, entrando em conflito com as outras lideranças do movimento.

[15] DAMACENO, Jose Eliomar. A IBIAPINA DO MEU TEMPO: Reminiscências de um município do Ceará. Fortaleza. Expressão Gráfica, 2001.

[16] Francivaldo Romão, Ibiapinense, graduado em Geografia pela Universidade estadual Vale do Acaraú – UVA. Entrevistas realizadas pelo autor em 28/09/2018 e 15/102018.

estão resumidas a resquícios de memórias de alguns cidadãos e memorialistas da cidade, e até mesmo relacionadas à sua gestão como prefeito da cidade. Francivaldo Romão diz que na Câmara, os dados disponíveis são a partir do ano de 1945, pois de acordo com ele, na redemocratização não tem nada, "a gente passou 15 anos sem eleições, na ditadura do Vargas não tinha eleições...", em vista disso, torna-se um desafio encontrar feitos e dados relativos ao período de gestão de José Monte Aragão.

A instalação de um núcleo na cidade, assim como nas outras cidades interioranas, fez parte do movimento de difusão da AIB pelo estado do Ceará. Arquivos e fontes sobre a história de Ibiapina são escassos ou muito reclusos, porém, esse período retratado mesmo que breve e de pouca expressão, é um marco da memória local e por isso se faz de extrema importância resgatar essas memórias da princesa serrana, como carinhosamente dona Rita Ximenes de Alcântara[17] chama a cidade de Ibiapina.

Em vista disso, faz-se evidente a importância que os memorialistas têm na construção da história da cidade. Como cita Ana Paula Oliveira[18] em seu trabalho de conclusão de curso[19], onde diz que é perceptível a falta de importância dada pelos antigos representantes da cidade aos arquivos de Ibiapina, fato este que fez contar com a memória dos mais velhos.

Através da memória, tenta-se construir o passado da nossa cidade, uma Ibiapina ainda não conhecida pela juventude Ibiapinense. Assim, por meio desses memorialistas, busca-se "trazer esse passado aos olhos da sociedade Ibiapinense, utilizando-se das memórias como fontes." [20].

Fonte Oral

Francivaldo Romão, Ibiapinense, graduado em Geografia pela Universidade estadual Vale do Acaraú – UVA. Entrevistas concedidas em 28/09/2018 e em 15/10/2018.

[17] Memorialista, Ibiapinense e autora de diversas obras sobre o cotidiano Ibiapinense.
[18] Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú–UVA.
[19] Ibiapina nas entrelinhas do discurso de Pedro Ferreira de Assis: "O Jequitibá da Ibiapaba." Sobral – CE, 2017, p. 36
[20] CARVALHO, Ana Paula Oliveira de, *Op. cit.*, p. 36.

Autores desta obra

Maria Malena Paiva Mesquita, ***Francisca Clédia Sousa de Oliveira****, Letícia Rodrigues Gonçalves,* ***Caubi Alves Braga****, Naiane Nobre Martins,* ***Pedro de Souza Filomeno Filho****, Raimundo Nonato Fernandes,* ***Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara****, Adelina Lopes Guimarães,* ***Sebastião Ferreira Carneiro****, Paulo Ênio de Sousa Melo,* ***João Henrique Brito Lima****, Natanael Lopes Alves,* ***Vinícius Pereira de Sousa****, Alan Silva de Morais,* ***Antonio Tarciano Aragão Sousa****, Maria Deiziane Lino,* ***Raimundo Sousa Alves****, Cleane dos Santos de Medeiros,* ***Nilson Almino de Freitas****, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento,* ***Odail José Martins Freire****, Valério Samaronni Morais de Queiroz,* ***Maely Alves de Mesquita****, Carlos Augusto Pereira dos Santos*

Nossa Gente, Nossa História é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-9539-035-5
9 788595 390355